

O QUE O SR. KRUTCHEV DISSE DE DEUS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Meses atrás, aproveitando a disensão de nervos produzida no mundo soviético pelo sucesso dos sputniks e pelas festejos do quadragesimo ano vermelho, três jornalistas americanos, Frank Conruff, Bob Considine e William Randolph Hearst, tiveram a idéia de solicitar uma entrevista ao sr. Nikita Sergueievitch Krutchev, Primeiro Secretário do Partido Comunista e incontestável senhor das russias e de seus satélites naturais e artificiais. Foram amavelmente recebidos. Durante três horas abordando os mais variados assuntos e fazendo as mais provocantes e até impertinentes perguntas, mantiveram uma conversação em que o sr. Krutchev "com uma voz calma, suave e confidencial" teve sempre resposta cabal para tudo. Os jornalistas confessam a admiração que sentiram por aquêlê homenzinho atarracado, calvo como uma bola, maciço como uma pedra, que durante todo o longo e penoso interrogatório manteve inalterável a polidez e a segurança fria de seus olhos azuis. Explicou serenamente que em matéria de armas a União Soviética ganhara a corrida; dignou-se tecer alguns delicados gracejos sobre o atraso americano em satélites; declarou suavemente que os Americanos ainda não fizeram a experiência de uma guerra no próprio continente e que esta será a surpresa da próxima guerra; mas logo acrescentou que a União Soviética só tem desejos de paz e está pronta a fazer um pacto de eterna amizade com os Estados Unidos. Interrogado sobre o afastamento do marechal Zukov, respondeu logo que o marechal é um grande especialista militar que receberá brevemente o posto correspondente a suas altas faculdades. Interrogado sobre a Hungria, concedeu que foram lamentáveis as ocorrências naquele território e que bem gostaria que as coisas tivessem tido um curso diferente.

Os jornalistas americanos, que haviam planejado a trama da entrevista para de algum modo atingir o ponto vulnerável daquele maço personagem, ficaram decepcionados com a reação obtida com a palavra "Hungria". Um conselheiro político da OTAN lhes dissera: "Falem da Hungria no momento em que ele não estiver prevenido..." Falaram, e não viram nenhuma alteração na amável fisionomia e nos frios olhos azuis. As coisas na Hungria podiam ter sido outras, infelizmente os fascistas, os reacionários, os contrarrevolucionários com suas intenções imperialistas suprimiram os verdadeiros amigos do progresso e da paz...

Nikita Krutchev é inalterável. Responde com a precisão de um aparelho cibernético montado para replicar a todos os problemas

do mundo com formulas cristalizadas. Lendo a notícia desse encontro no *Catholic Digest*, nós podemos compreender melhor a variação cromática, ou atonal, das entrevistas concedidas aqui pelo sr. Luiz Carlos Prestes. O brasileiro segue as pegadas do russo; obedece ao diapasão do novo estoicismo, da nova ataraxia que não permite, em assunto político, a menor dose de impureza emocional, ainda que o jornalista tenha a impertinência de lembrar os nomes dos algozes e das vítimas. O aparelho russo funciona como o relógio central que comanda os mecanismos secundários. Ou como a fábrica de gravações que distribui discos pelos postos onde existem montados aparelhos de alta fidelidade. E não basta repetir a substância da mensagem, o tutano da doutrina; é mister que o aparelho reproduza também o timbre de voz. Não basta o mot d'ordre, é preciso seguir também o tom. E o tom, hoje, é o de uma tranqüila e suave superioridade. Passou a época da objurgatória; chegou o dia da serenidade. E é por isso, em obediência à nova técnica da cibernética marxista que Luiz Carlos Prestes foi sereno em português como Nikita Sergueievitch Krutchev foi sereno em russo. A única diferença entre o padrão primário e o secundário reside na dose de humorismo que o brasileiro, talvez por uma incapacidade pessoal, não soube reproduzir, embora tenha tentado. O Primeiro Secretário Krutchev é habil na arte de trazer um sorriso que amenise a conversa enfadonha. Depois de três horas de discussão queixou-se:

— Mr. Hearst, eu sou membro de um sindicato. O senhor está me obrigando a horas extraordinárias, o senhor me explora, e vão dizer por aí que eu me deixei explorar por um capitalista...

Todos os personagens oficiais russos que assistiam à entrevista de suas órbitas previamente calculadas riram-se ruidosamente do gracejo do chefe todo poderoso, Nikita Krutchev, fresco como uma rosa orvalhada, gozava o desenlace daquela entrevista em que os três americanos estavam evidentemente cansados e decepcionados. Ora, foi nesse momento que Bob Considine teve a exquisita idéia de perguntar ao Primeiro Secretário o que renava de Deus. Notara que mais de uma vez usara êle o vocábulo que designa o Autor do Universo, como também usara a expressão alma humana. E perguntou também por que motivo, apesar da proclamada liberdade espiritual, não faz progresso no Partido quem professa uma daquelas crenças. Krutchev respondeu que o nome de Deus era apenas um hábito linguístico. Nós juramos por Deus como poderíamos dizer "palavra de honra". Infelizmente, Bob Considine não teve a idéia de perguntar se "honra"

também era um hábito linguístico. E não teve a idéia porque estava perturbado. Sim, perturbado admirado. Via mudar-se o semblante impassível, ouvia ressonâncias novas na voz suave e imperturbável. William Hearst tomou então a ofensiva:

— Há entre nós uma diferença essencial. Quando damos nossa palavra sentimos que estamos empenhados diante de Deus. No caso dos senhores, o compromisso fica só no papel...

Nikita Krutchev teve um sobresalto. Do pescoço de touro subiu uma imprevista vermelhidão que se alastrou pela cabeça oval e polida. E quase gritando afirmou era ateu mas que sabia dar valor aos compromissos, e logo desviou o assunto para as aspirações de paz universal. Mas estava tocado num ponto secreto, e voltou ao assunto criticando acerbamente a impiedade do sr. Dulles:

— Vejam por exemplo o sr. Dulles. Diz-se piedoso, recorre ao nome de Deus. Mas ao mesmo tempo envia emissários na Turquia e nos outros países para preparar a próxima guerra. Será isso compatível com a atitude cristã?

E longamente, mas agora com violência, discorreu sobre os padres que abençoam as armas e sobre os homens maus que invocam o nome de Deus para explorar o povo.

Cessara a serenidade, desaparecera a tranqüila segurança do chefe poderoso, entrara na máquina de responder um elemento novo que não admite a impassibilidade e a neutralidade. E daí por diante em lugar da formidável cabeça de enxadrista, os americanos estupefactos viam um personagem grosseiro a produzir os mais vulgares argumentos contra a existência de Deus. Deus não pode existir porque mr. Foster Dulles, que usa seu nome, manda emissários à Turquia. Deus não existe, porque existe a exploração do trabalhador pela mesma classe que invoca o nome de Deus.

Não sei se os jornalistas americanos terão sentido, em toda a sua amplitude, a cômica monstruosidade dessa demonstração política da não existência de Deus, que responde, pela boca do sr. Nikita Sergueievitch Krutchev, às mais elaboradas demonstrações metafísicas da existência de Deus, e sobretudo ao espiritual instinto de todos os povos em todos os tempos. Deus não existe, porque para existir, para ter os atributos de infinita perfeição, deveria ser um personagem mais obedecido no mundo, como por exemplo o sr. Nikita Krutchev, ao menos enquanto não é assassinado, é obedecido no seu vasto território. O sr. Foster Dulles não tem uma atitude digna de um cristão, não tem atos condizentes com sua religião, logo Deus não existe. Por mais caricatural que pareça este resumo esquemático, é realmente nêle que se resume o ateísmo que descobriu pela maldade dos homens, sobretudo na esfera política, a não existência de Deus. Se o sr. Krutchev tivesse as tinturas de teologia que tinha Stalin talvez soubesse que os homens mais religiosos do mundo sempre se queixaram de si mesmos e dos pecados dos homens. A sensibilidade à presença do mal sempre foi um forte estimulante espiritual que levou os santos ao desejo de maior perfeição. Para êles o trágico da vida e da iniquidade realça a existência de Deus. Para os seguidores do sr. Krutchev, ao contrário a lóica é outra: se os homens são maus a culpa é de Deus. Matemos pois, com um decreto oficial de não-existência, o autor d'êste universo que, para tornar-se habitável, dá tanto trabalho aos dirigentes russos.

Ao terminar a entrevista, agora penosa, o sr. Nikita Sergueievitch Krutchev, respirando fundo, retomou a serenidade e a calma habitual. Tinha vencido Deus. Tinha vencido mais uma vez, ao menos por aquela tarde brumosa e moscovita, aquêlê inimigo persistente que mais uma vez, inopinadamente, entrava no reduto soviético, no próprio gabinete do sr. Primeiro Secretário, dentro de um cavalo de Troia, que no caso era formado por três ingênuos e estupefactos jornalistas americanos.